Setor energético sera´um “enorme aliado” para tornar os edifićios mais sustentaýeis, defende CEO da Ecoinside

15 de Fevereiro, 2021

No rumo à neutralidade climática, o setor energético deve ser aquele que melhor se deve posicionar, ao longo da década, para contribuir para a redução das emissões de gases com efeitos de estufa (GEE). Mas, quando se fala em descarbonização também o setor do edificado não é exceção, visto que é responsável pelo consumo de quase 30% da energia final, em Portugal. Quem o diz é **Antońio Cunha Pereira,** CEO da **Ecoinside**, numa entrevista à Ambiente Magazine.

Antońio Cunha Pereira

De acordo com o empresário, “os edifıćios saõ responsaýeis pelo consumo de cerca de 40% da energia total gasta na Uniaõ Europeia”, pelo que a sua “reconversaõ” tem um “peso significativo na reduçaõ da pegada ecoloǵica”, sendo esse um caminho que a Ecoinside quer e pretende seguir. Assim, a “reconversaõ de edifıćios mais antigos e a construçaõ de edifıćios novos”, tendo como “*mindset* a implementaçaõ de tecnologias e equipamentos mais eficientes”, como a aposta no “isolamento” ou a “preferência pelas energias verdes” saõ para o responsável “medidas fundamentais para o decréscimo da emissaõ de GEE para a atmosfera das cidades em todo o mundo”.

Em Portugal, segundo o responsável, o edificado não corresponde àquilo que era desejável: “De 2014 até dezembro de 2020, apenas 22,4% das habitaçoẽs portuguesas foram classificadas entre os nıv́eis A+ e B (de uma escala de A+ – muito eficiente – a F – extremamente pouco eficiente) ao nıv́el da sua eficiência energética”. E sendo “o certificado energético obrigatoŕio, estes valores permitem-nos perceber o estado do edificado português”, diz. A isto, acresce que “77,6% das casas portuguesas saõ, por um lado, desconfortaýeis, e

por outro lado, consomem e desperdiçam muito mais energia do que seria desejável". Assim, tornar estes edifícios mais "verdes", para além de ter um "impacto muito positivo ao nível das emissoẽs de GEE", sera´da "maior importaȃncia" para combater a pobreza energética: "E isto consegue-se de vaŕias formas, utilizando sistemas e tecnologias existentes e que ja´estaõ disponıv́eis no mercado", refere. Para além da "eletrificaçaõ dos sistemas energéticos dos edifıćios, substituindo o consumo de energia obtido a partir de fontes naõ renovaveis, tais como o gaś ou o gasoĺeo", a soluçaõ passa, desde logo, pela "implementaçaõ de sistemas de isolamento eficazes", que permitam "manter a temperatura da habitaçaõ mais estaśvel". Mas, há mais "medidas simples" que podem ser implementadas e, que a longo-prazo, permitem obter "mais conforto térmico", traduzindo-se em "poupanças para as famıĺias", refere. O "uso de janelas que vedem adequadamente a entrada de ar e reduzam a permuta de energia com o exterior" a "implementaçaõ de sistemas de aquecimento das casas que sejam eficientes e praticos", tais como as "bombas de calor" que permitam "aquecer e arrefecer a casa apenas quando necessaŕio" e, "de preferência, a`distaȃncia, de modo a poder-se programar melhor o ambiente que se pretende ter em casa", o "recurso preferencial a energias renovaveis", através da "instalaçaõ de painéis solares fotovoltaicos" ou a "alteraçaõ de laȃpadas por LED", são alguns dos exemplos mencionados pelo CEO da Ecoinside.

[blockquote style="2˝]Desde 2005, Portugal fez cair as suas emisso˜es GEE em 22%[/blockquote]

Se os edifıćios saõ responsaveis pela emissaõ de uma "grande fatia de GEE para a atmosfera" e, ao nıv́el europeu, fala-se em cerca de "36% das emissoẽs anuais", segundo os dados EURIMA (Associaçaõ Europeia dos Fabricantes de Laš Minerais), António Cunha Pereira defende que, além das medidas já mencionadas e disponíveis no mercado, é fundamental um "mudança de mentalidade" que permita "fazer a diferença hoje para obter resultados globais ja´amanha".

Nesta mudança de paradigma, o setor energético sera´, sem duv́ida, um enorme aliado para tornar os edifıćios mais sustentaveis: "A aposta clara que o setor tem feito nas energias limpas, naõ so´através do investimento no solar, na hıd́rica e na eoĺica, mas, também pelo encerramento de centrais térmicas a carvaõ por todo o territoŕio, saõ sinais claros que o futuro chegou e que o momento de atuar é agora". E o facto dos "edifıćios de todo o paıś poderem optar por esta forma de energia ou mesmo pela instalaçaõ das suas proṕrias centrais de autoconsumo", tendo acesso a "apoios do Estado" é essencial para se diminuir a emissaõ de gases com efeitos estufa, reforça.

No entanto, atenta o CEO da Ecoinside, "mais do que gastar o tipo certo de

energia, leia-se o mais limpo e renovaźvel", é crucial "apostar na eficiência energética do edificado", ou seja, "de que modo podemos fazer com que os nossos edifıćios gastem menos energia tornando-se mais eficientes energeticamente". Segundo os estudos que têm vindo a ser lançados e o "impacto positivo" que a Covid-19 trouxe a`"poluiçaõ atmosférica", António Cunha Pereira considera que Portugal, esta´num "bom caminho para cumprir com as metas estabelecidas para 2030 e 2050", constatando mesmo "a possibilidade de conseguir superar as expectativas ambiciosas traçadas para as proźximas décadas". Prova disso é que, desde 2005, lembra o responsável, Portugal fez "cair as suas emissoẽs GEE em 22%" o que, "pondo em praćtica as medidas adicionais" previstas no Plano Nacional de Energia e Clima (PNEC), o país poderá "reduzir, em 2030, 47% destas emissoẽs, em relaçaõ a 2005, ultrapassando a meta de 30% traçada".

[blockquote style="2˝]Repensar tecnologias mais amigas do ambiente em todas as novas construc¸o˜es[/blockquote]

Relativamente aos incentivos que existem para combater a pobreza energética, o CEO da Ecoinside não tem dúvidas da relevância dos mesmos: "É importante haver incentivos do Estado ou de fundos comunitaŕios ou benefıćios fiscais para que as pessoas possam fazer alteraçoẽs nas suas residências e, dessa forma, combater a pobreza energética". E as principais medidas a implementar saõ o "isolamento térmico das casas", com "inclusaõ de isolamentos nas paredes e telhados" e "colocaçaõ de janelas com corte térmico", bem como a "incorporaçaõ de sistemas de aquecimento eficientes" tais como as "bombas de calor", sucinta.

Questionado sobre qual seria a poupança na fatura energética do Estado se todos os edifıćios puḃlicos fossem mais eficientes, António Cunha Pereira deu como exemplo, uma intervenção que a Ecoinside terminou no ano passado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP): "O objetivo era melhorar a classificaçaõ energética da infraestrutura e tornar o espaço mais confortaźvel para alunos, professores e auxiliares". Com a instalaçaõ de "quase 400 painéis solares" e a "alteraçaõ de mais de 3.300 lam̂padas para tecnologia LED" o edifício tornou-se "88% mais eficiente" e, foi possível reduzir a "fatura de eletricidade em 50 mil euros", evidencia. Este é "um exemplo de um uńico edifıćio" e de "um caso muito particular", mas que, segundo o responsável, "podera´ser demonstrativo de uma realidade alargada que poderemos transpor a todo o edificado puḃlico português", visto que "ainda peca ao nıv́el da eficiência energética".

Quanto a perspetivas para o futuro, o CEO da Ecoinside espera que Portugal "aposte claramente e cada vez mais na transiçaõ e eficiência energética dos edifıćios ja´existentes" e "repense e implemente tecnologias cada vez mais amigas do ambiente em todas as novas construçoẽs". E se esse trabalho for bem feito, "verificaremos, certamente, um decréscimo acentuado das emissoẽs de GEE das cidades", contribuindo para um "futuro mais sustentaźvel e risonho para as geraçoẽs futuras", remata.